

MEMÓRIAS DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

CLASSE DE LETRAS

Oliveira Martins e a “Revista Ocidental”
Completar as Conferências Democráticas

GUILHERME D’OLIVEIRA MARTINS



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2025

Título: Oliveira Martins e a “Revista Ocidental”

Edição: Academia das Ciências de Lisboa

Data de edição: 2025

DOI: <https://doi.org/10.58164/fhff-xw50>

Oliveira Martins e a “Revista Ocidental” Completar as Conferências Democráticas

GUILHERME D’OLIVEIRA MARTINS

Regressado à pátria, vindo das minas de Santa Eufémia, em Espanha, Oliveira Martins vai para o Porto em finais de março ou abril 1874, para dirigir as obras de construção da linha de caminho-de-ferro do Porto à Póvoa de Varzim, “levantando plantas, traçando perfis, fazendo planos de estações de caminho-de-ferro, estudando pontes, dirigindo e executando trabalhos, tanto de campo como de gabinete, ao lado de dois engenheiros”¹. Então está em contacto estreito com Antero de Quental e Jaime Batalha Reis, e participa ativamente no lançamento da *Revista Ocidental*, que deveria ter tido lugar em setembro de 1874, mas só ocorrerá, depois de vários contratempos, em 15 de fevereiro de 1875 (com o apoio do empresário-gerente Caetano Rovère). Antero avisara um ano antes: “O Batalha lhe escreverá, para lhe comunicar o plano de uma empresa minha e dele, para a qual contamos com a sua coadjuvação. É uma Revista que vamos fundar, cujo projeto o Batalha fica encarregado de compor” (13.4.1873)². Havia que continuar o combate social e político, que se exprimira nas Conferências Democráticas do Casino Lisbonense e na intervenção política, que deveria assumir uma dimensão ibérica.

A nova revista teve, no entanto, existência fugaz (de fevereiro a julho de 1875), afirmando-se com o objetivo audacioso de suscitar uma reflexão que não se ativesse apenas à dimensão nacional. “Provocar a reunião dos elementos da nova renascença intelectual da península e a formação das novas escolas espanhola e portuguesa” — esta era a justificação constante do programa da nova publicação elaborado por Batalha Reis³. E nessa linha, Oliveira Martins escreve de modo eloquente, sob o título de “Introdução”, o ensaio programático “Os Povos Peninsulares e a Civilização Moderna”, a abrir a revista⁴. É um texto entusiástico e militante, com preocupação histórica, que antecipa a *História da Civilização Ibérica*. Estava em causa a criação de “um campo ao mesmo tempo vasto e livre, onde todos os homens que mais ou menos proeminentemente representam uma face, um lado, um aspeto do génio peninsular, hão de vir com a pena arar

os fundos sulcos da lavoura intelectual; onde todas as opiniões têm uma voz, todas as tendências um lugar, quando entrem no sistema de opiniões e de tendências, que formam o edifício do Progresso neste século". E assim, segundo o autor, só uma revista como a que se fundara, poderia "representar perante a Europa o génio dos povos que habitam a península ibérica, e dos que, filhos dela, foram acampar na América meridional". Para tanto, haveria que definir o "génio peninsular ibérico". E a Revista seria escrita nas duas línguas peninsulares, o que lhe asseguraria leitura em Espanha e na América do Sul.

Antero, em carta a Oliveira Martins, exprime, contudo, alguma dúvida: "Quanto ao Socialismo, o Batalha mostra-se receoso um pouco, e recomenda-lhe prudência: V. por certo saberá combinar convenientemente as tintas com que escrever. Eu receio muito mais do Padre Amaro (que é Pigault-Lebrun forrado de Flaubert, como V. irá vendo e pasmando) do que do Socialismo, mas o Batalha tem ideias fixas, e algumas bem singulares: diz que o Padre Amaro é *uma revolução* e não sai daqui" (5 de março 1875). Havia, de facto, razões para preocupação, mas diferentes das que Antero julgava. Eça vai, agastado, proibir a continuação da publicação do Padre Amaro na revista, porque o "borrão" não está revisto e não reconhece a Antero qualquer legitimidade para os reparos feitos ("O Antero é o maior crítico da península, mas entende tanto de arte — como eu de mecânica." — 26.2.1875).

Mas regressemos ao texto programático de Oliveira Martins. Este tem todo o interesse, uma vez que clarifica a perspetiva ibérica de Oliveira Martins e da equipa. Ela é sempre muito coerente, recusa um iberismo homogeneizador (não esqueçamos o seu primeiro livro, o romance *Febo Moniz*), mas, como deixará subentendido no seu último livro incompleto, *O Príncipe Perfeito*, as duas nações ibéricas deveriam completar-se e articular-se, para poder ser influentes. De facto, o texto introdutório da *Revista* tem um grande interesse, ao menos por três razões: antecipa o pensamento ibérico do autor, que está muito evidente na ideia da *Revista*; resulta de um diálogo muito cuidadoso, sobretudo com Antero de Quental; e traduz-se numa precisão ou completamento do tema das "causas da decadência dos povos peninsulares".

Para definir o génio peninsular ibérico, haveria que salientar a importância de um "sentimento de independência". E o traço elementar orgânico desse génio peninsular seria o heroísmo. Seria este a dar unidade ao sistema de caracteres

nacionais dos “povos espanhóis”. E a “invasão árabe” teria sido a maior fortuna histórica da Península, por lhe ter dado a renovação literária, o sentimento do infinito, que vem do deserto, mas também Córdoba e Granada, os eirados da Andaluzia, os frutos de mármore da Alhambra, uma arquitetura, e a compreensão de como o heroísmo cristão que “era ainda sanhudo, feroz, infantil” se pôde tornar tolerante. Mas não estava em causa apenas a arte: também havia Averróis, Ibn-Tophail, Maimonides e Avicébron, árabes e judeus transmitindo a medicina e a álgebra, mas igualmente Afonso, o Sábio a receber os ensinamentos de alquimia. “A França é uma abelha, a Espanha é uma águia. Tem desta o voo largo, a garra firme e a alvura das penas; a alvura, porque é à Itália misteriosa e fatídica que cabem as negras cores, cores terríveis que obumbram a imaginação medonha do etrusco: a águia negra é imperial e italiana”. Eram, pois, indiscutíveis as especiais qualidades peninsulares, génio e heroísmo, que tinham de ser reconhecidas.

Como acontecerá em *História da Civilização Ibérica*, estamos perante uma crítica severa e fundamentada relativamente à obra de Henry Thomas Buckle, *History of Civilization in England* (1857–1865), em especial no tocante à “lenda negra” sobre a civilização peninsular. “Negar redondamente a hombridade peninsular, não surpreende num inglês incapaz de a compreender”. Em lugar do fatalismo e paganismo ultramontanos, havia que reconhecer que a religião conservava em Espanha um carácter humano — Santa Teresa humaniza Jesus “nos delírios do seu amor místico” e as Virgens de Murillo ou de Morales “são belas raparigas que brotam com as flores sob o céu azul da Andaluzia, os santos de Ribera são titãs ou prometeus roídos pelo abutre, não profetas ou sibilas como os de Miguel Ângelo”.

O heroísmo ativo que gera o amor da liberdade é, assim, uma característica peninsular por contraponto a um qualquer frio estoicismo. E “à raça hispano-portuguesa coube o papel grandioso de explorar o mundo”, ao invés da construção do génio saxónico. “Os sentimentos produzidos pelos atos livres do homem não têm aplicação para fenómenos coletivos que estão imediatamente no domínio da necessidade que os determina”. Deste modo, para os povos ibéricos não haveria nem motivo para vergonha nem para exultar de orgulho. Importaria, sim, compreender a realidade, comparando, pesando e avaliando, para aprender a lição⁵... Nota-se uma nítida complementaridade entre Antero e Oliveira Martins, funcionando uma como que coerência de geração, ganha

com diálogo, trabalho, banquetes de pura inteligência. Lembra, aliás, o historiador que o primitivo sistema colonial dos hispano-portugueses se moldava nas tradições antigas. “Uma esquadra conduzia um exército que, depois duma batalha ganha, impunha um tributo e construía uma fortaleza para manter o senhorio e cobrar o tributo. À sombra da fortaleza comerciavam os conquistadores, e aos lucros da guerra, receita do Estado, juntava-se o lucro comercial, receita privada. Este sistema distinguia-se do das colonizações fenícias ou gregas, no facto de os conquistadores prescindirem do domínio público, sem prescindirem do domínio religioso”. Não se tratava de iberismo (Antero insistia também aí), mas da consideração de uma complementaridade necessária de realidades independentes. Era a Espanha agindo com duas faces diferentes, mas qualidades comuns. O génio peninsular ibérico, como marca de “Revista Ocidental”, era, pois, uma exigência cultural, social e política⁶... E pode dizer-se que a *Revista Ocidental* vale, politicamente, por este manifesto — que, de algum modo, antecipa a necessidade de um destino comum europeu. Note-se que o mesmo deveria ter sido escrito por Antero, o que explica os mil cuidados postos por Oliveira Martins nesta redação. Dirá a Batalha: “Ontem à noite comecei a assestar as minhas baterias contra a Introdução: que medo que eu tenho de não me sair bem do negócio! Que pena (por todos os Judas?) que o Antero não possa fazê-la! — Como vai ele? Diga-me sempre nas suas cartas o estado em que se acha”. Mas, perante esta ausência, Joaquim Pedro diz: “Na Revista é indispensável que apareça alguma coisa do Antero. Se ele não pode escrever que lhe dê algum dos artigos do “Programa”. São estudos que cada um de per si formam um todo que caracterizam perfeitamente o génio do Antero”.

Oliveira Martins torna-se o grande artífice da iniciativa, e publicará nas páginas da *Revista Ocidental*: “Os Poetas da Escola Nova”, “O Ultramontanismo” e “Da Moral Religiosa entre os Gregos”⁷. Relativamente a este último texto, ele será objeto de um outro diálogo, também muito rico, com Antero, cujo resultado é evidente na obra de Joaquim Pedro, *O Helenismo e a Civilização Cristã*, de 1878, onde, compulsando o texto original e o seu desenvolvimento, se verifica como os dois amigos também aqui se completaram, com salvaguarda da sua independência de pensamento e de espírito. Por outro lado, merecem destaque as onze crónicas sobre Portugal e Brasil assinadas como P. Oliveira, que Antero refere a Lobo de Moura como “a única coisa boa que lá vem”, sendo “o resto

“banalidades ou extravagâncias”, em boa hora publicada por Sérgio Campos Matos, numa obra algo esquecida, mas fundamental⁸.

As três cartas inéditas que publicamos de Oliveira Martins para Jaime Batalha Reis no período da *Revista* são significativas e fazem parte de um conjunto maior, a que indiretamente fazemos referência⁹. Nelas encontramos o testemunho sobre o quotidiano de Oliveira Martins no Porto, entre as tarefas literárias e a construção do caminho-de-ferro; sobre as grandes preocupações com a saúde de Antero; sobre a reflexão que nos dá a propósito das relações entre a poesia e a arte e sobre as preocupações ligadas ao lançamento e desenvolvimento da *Revista*. São importantes os apelos de Oliveira Martins aos seus dois companheiros no sentido de reverem e aperfeiçoarem o seu estilo e uso da língua.

Na carta de 7 de julho de 1874, o historiador confessa não ser fácil, depois de 8 ou 10 horas de trabalho na direção dos caminhos-de-ferro, responder às preocupações de Batalha Reis. Sabemos, porém, como considerava ser um modo de descanso o mudar de trabalho. Toda a sua vida seria feita desse procedimento, uma das explicações para tão fecunda e prolífera obra. Quanto ao estado de saúde do poeta, as preocupações são máximas. Conhecemos os cuidados da família e amigos neste período da vida de Antero, que obrigou à ida de Oliveira Martins a S. Miguel¹⁰. Tornava-se necessário convencê-lo a vir para o Continente, mas a resistência é persistente, e para o amigo não valia a pena fazer insistências diretas, pois o efeito poderia ser contraproducente. O prognóstico do médico Dr. Filomeno da Câmara de Melo Cabral é incerto, mas nada animador. Joaquim Pedro leu a um cunhado de Henri Ellicott, o Dr. Brandt, médico de nacionalidade alemã, a carta do clínico açoriano e é a doença de estomago que parece continuar a ser o motivo mais provável da enfermidade... Mas a preocupação é tal que a carta dá conta de se temer pela própria vida de Antero (“temos obrigação de fazer saber a esta gente que espécie de homem ali estava”)...

Segue na carta alusão ao texto sobre Junqueiro, na fase inicial destinado ao *Jornal do Comércio*. Está em causa a publicação de uma primeira versão intitulada “A Poesia Revolucionária e a Morte de D. João” dada à estampa em *Artes e Letras*¹¹, paga a 1500 réis por página. Esta versão dará lugar ao texto “Os Poetas da Escola Nova”, já na *Revista Ocidental*, que expande e alarga a versão inicial. Na carta sucede-se um conjunto diversificado de preocupações e temas — entre os quais uma longa e inesperada resposta à crítica de Batalha Reis sobre o facto de Oliveira

Martins analisar o poema do ponto de vista da filosofia da arte. Ora, poesia e arte seriam coisas distintas. Junqueiro seria muito artista e pouco poeta, Herculano (e talvez Antero) mais poeta do que artista, mas o certo é que Oliveira Martins, reconhecendo o reparo de alguém, como Batalha, mais experimentado na crítica, considera-se mais moralista do que crítico. Não era o terreno da filosofia da arte que lhe importava. A política não poderia ser esquecida: “A escola de Antero tem este grande cunho: ser revolucionária, não porque a revolução seja em si boa ou má, mas sim porque a Revolução é o maior dos sentimentos da alma moderna, aquele que *pode por isso* (...) inspirar obras imortais”... E aqui temos a demarcação do individualismo e a valorização das grandes emoções coletivas. A poesia épica será a revolucionária, por contraponto à expressão dramática. “Entre um poeta que sente D. João como herói e outro que o sente miserável, o moralista escolhe, foi o que eu fiz” — diz-nos Oliveira Martins. É, no fundo, esta determinação transformadora que distingue as dimensões épica e dramática — o que concede a este diálogo, de facto, a continuação dos apelos de Antero nas Conferências Democráticas. Era a evolução da sociedade que alimentava o espírito destes seus promotores...

Quase com ironia, a carta prossegue com referência aos problemas do vinho e dos vinhateiros, que preocupavam Batalha Reis, num tempo de sérias perturbações originadas pela filoxera. Mas depressa volta o tema da ação e da *Revista*: “Eu penso com efeito que nós formamos um grupo sério e forte pelas ideias”. E assim voltamos às preocupações filosóficas, mas o futuro historiador receia “do próprio caráter das ideias”, pelo resultado das obras. Como já se vira atrás, mais do que a especulação do pensamento, interessava a Oliveira Martins analisar as consequências práticas. Por isso entre a crítica abstrata e a consideração da vontade (daí o “moralismo”) preferia a segunda. “Somos essencialmente críticos e o crítico pesa, não vive”. E por isso retorna ao fio da meada o tema (só interrompido momentaneamente) da poesia revolucionária. E é o exemplo de Giuseppe Mazzini (1805–1872) que vem à liça: “se nós tivéssemos metade que fosse daquela fé, daquele ímpeto que coisas não assinalariam o fim deste século XIX!”

Porém, neste vai-e-vem regressa a intendência. Que novos colaboradores deveriam ser mobilizados para a *Revista*? Camilo, Adolfo Coelho, Teixeira de Vasconcelos, Rodrigues de Freitas? Quem valeria a pena? Como eram diferentes Rodrigues de Freitas e Teixeira de Vasconcelos... Como que numa premonição,

não há grande entusiasmo relativamente a Vasconcelos, antecipando a diatribe que surgirá a propósito do primeiro número. Importava, porém, mobilizar quem escrevesse e desse ânimo a uma revista que, quanto a público suscitava preocupações¹²... E se havia esperança em convencer Alexandre Herculano, a verdade é que as promessas foram-se arrastando, e na carta de 15 de dezembro, parece não haver dúvidas. “A caturrice do Herculano começa a cheirar mal e eu em princípio entendo que não deve protrair a publicação por causa disso. Façam sair o 1.º no dia 15 de janeiro impreterivelmente: Se o artigo do Herculano não tiver vindo pior”. De facto, o artigo não chegou, mas a *Revista* também não saiu em janeiro, mas só um mês depois. Oliveira Martins estava resignado. Herculano haveria de vir a colaborar, afinal a sua promessa tinha sido firme. Não valeria, pois, a pena insistir. Conheciam todos Herculano bem. Tudo tinha sido feito. Todavia sempre havia uma réstia de esperança. Talvez, estando em Vale de Lobos, ainda mandasse alguma coisa¹³. Mas, não mandaria. E também quanto a Espanha Francisco Tubino já tinha feito a sua parte, mas a participação espanhola não estava a surtir efeito¹⁴. E a finalizar a epístola, Oliveira Martins pede notícias de Eça de Queiroz — e refere que Junqueiro lhe teria dito que viria para o Porto — “estou morto pelo ver, diga-lhe onde moro e que espero me dirá quando chegar”.

A segunda carta que se apresenta, tem a data de carimbo do correio do Porto, 15 de dezembro de 1874, fala-nos dos padecimentos do escritor, designadamente as sezões, a malária adquirida em Espanha. E assim ficou muito afetado durante três dias, apesar de se considerar um “Apolo de cheias carnes”. Mas a crise passou e “Apolo já voltou a sentar-se no Olimpo”... Oliveira Martins fica satisfeito com o comentário que recebe dos seus amigos relativamente ao texto de Introdução à *Revista*, “Os Povos Peninsulares e a Civilização Moderna”: “V.V. são sinceros e seria eminentemente ridículo entre nós uma troca de ditos *literatos*. Acharam bom? Ainda bem. Está claro que discordam de muitos pontos de vista: V. especialmente o carácter comparador dos espanhóis e italianos. Não conheço os seus argumentos não sei que lhe diga”. E há acertos e reparos, designadamente no final do texto que Joaquim Pedro imediatamente aceita: “o manuscrito e a pressa fez-me cair no meu natural dogmático, teso, hirto e cru. Não tive tempo para amassar o meu pensamento na soma de *fame-fuyants*, indispensáveis neste caso. Far-se-á nas provas. — agora não peço, exijo uma coisa, e é que V.V. me sublinhem a lápis nas provas as frases que acham mal escritas ou obscuras ou

abstrusas ou ingramaticais. Eu tenho medo dos meus maus hábitos e VV. concordarão em que os meus defeitos à frente da Revista não me comprometem a mim só comprometem-na a ela, o que importa mais. Tenham, pois a paciência de ler isso de novo impresso: o final refundi-lo hei como é necessário.” Verifica-se, pois, o extremo cuidado na correção linguística e na grande confiança de Oliveira Martins nos reparos e correções dos seus companheiros. E volta o tema da resposta mais uma vez adiada de Herculano relativamente ao convite feito. Joaquim Pedro chama “caturrice”, como vimos, e aconselha a não dar demasiada importância nem ao artigo de Herculano, nem aos sorrisos dos literatos de Lisboa. “Lisboa é só uma parte e pequena do provável sucesso da Revista e fora de Lisboa ninguém sabe se o Herculano devia ou não devia escrever no 1.º número”. Voltar a insistir com Herculano parecia ser uma diligência vã... As relações com os espanhóis também marcam passo não havendo notícias animadoras... Mas não era possível esperar mais. Se o artigo do Herculano não tiver vindo pior. Ainda se falava na hipótese de 15 de janeiro, mas o número só saiu em fevereiro. A capa avisaria que não foi possível adiar mais a publicação da *Revista*...

A última carta é de 30 de julho de 1875. Oliveira Martins voltava da inauguração da Linha do Douro. Tinha estado com Antero no domingo anterior e Antero comunicou-lhe que Batalha estava em Torres. Conversaram sobre o encontro com Herculano, e Oliveira Martins diz-lhe que certamente o mestre deveria ter reagido mal ao artigo sobre os “Ultramontanos”, mas o mais importante era a ideia de que o “velho” era de palavra. “É um homem. E vale muito mais do que os livros que fez. Parabéns a todos pelo que viu do estudo sobre o feudalismo: eu nunca supus que o velho nos mentira. — Folgo ainda com o que me diz o Rovère e da nova fase que a revista vai tomar. Portuguesa e começando com o artigo do Herculano parece-me que se pode contar com um sucesso. — Pela minha parte, já o 3.º artigo dos gregos que me darão dois mais ainda; a crónica do dia 30 irá em breve, dirigida ao Rovère pois V. está fora de Lisboa. Se o último número da Revista *promiscua* deve trazer o 2.º artigo dos gregos de novo o intimo a que não consinta que se imprima sem eu ter revisto as provas”. Refira-se que esta correspondência sobre os trabalhos com o Rovère trata de um Dicionário, em duas versões, uma longa e uma curta, que é feito com Batalha Reis, tema que não analisamos. Esta terceira carta inédita corresponde ao fecho da *Revista*. Apesar das boas expectativas para uma nova série, inteiramente portuguesa, o projeto

não andou para a frente. Mesmo assim, O.M. pede a Batalha “encarecidamente” que “ordene ao Rovère me mande os dez fascículos publicados da Revista: já por vezes tenho pedido isso mas sem resultado até hoje”...

No período de vida da *Revista*, Antero regressara a Lisboa, em 10 de outubro de 1874 diz a Oliveira Martins ter finalmente chegado, com a mãe e a irmã, morando na Rua do Tesouro Velho, n.º 18-2.º andar. O irmão de Joaquim Pedro, Guilherme, foi ao cais. “Você (diz Antero) de nada se esquece: mas eu com o meu frio e distraído coração, é que me esqueço disso às vezes. Perdoe-me. Você é mais meu amigo do que eu mereço, e eu desgraçadamente não posso ser senão quem sou (...). Francamente por dever, por dignidade, faço tudo quanto cumpre fazer para viver: mas, no íntimo do meu desejo, só aspiro à morte, só esse pensamento me dá satisfação porque considero a minha vida como o maior absurdo do século, e irremediavelmente votada às torturas de uma luta interior estéril, votada à contradição insanável, ao aborto. Mas não continuo porque V. vai ralar comigo, homem bom, homem forte”. Esta passagem dá bem conta da importância para Antero da amizade e da presença de Oliveira Martins. É muito curioso como o escritor Oliveira Martins recebe de Antero cuidadosos conselhos. Antero diz a Joaquim Pedro, por exemplo, a 14 de março de 1875, que este exagera “a dificuldade que tem de ser escritor. Depois desta prova (fala do ensaio sobre os gregos), vejo que a tal dificuldade se reduz simplesmente a falta de cuidado e de paciência (...). Faça sempre que escrever sobre assunto sério e delicado o que fez desta vez: escreva duas vezes. Considere a 1.^a como um borrão sobre que deixa passar 15 ou 20 dias; releia-o depois, rumine, e depois escreva de novo. E será escritor... *Tu Marcellus eris!*”. Ao longo do caminho da *Revista* vemos Oliveira Martins a pedir encarecidamente a leitura e a revisão dos amigos, estes a responderem com diversas indicações e o autor a incorporar as sugestões. Em 27 de novembro de 1874, Oliveira Martins dissera: “o meu não-estilo é coisa secundária em livros ou artigos meus próprios: na Introdução à frente da Revista não é admissível. Eu mandarei um esboço V. e o Antero lerão e corrigirão”.

De facto, a experiência da *Revista Ocidental* é preciosa, uma vez que corresponde à ilustração da força e da importância de três personalidades muito diferentes que desejaram (e conseguiram) pôr as ideias das Conferências do Casino em marcha. Pode dizer-se que se se fala de Geração de 1870, este breve episódio da

Revista serve de detonador, seguindo-se tudo o que se sabe. Apesar do auge da doença e das melhoras progressivas, Antero é o espírito, Oliveira Martins garante a ação intelectual e a escrita dos textos mais significativos e Batalha Reis é, de facto, a intendência eficaz...

COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE LETRAS
NA SESSÃO DE 22 DE OUTUBRO DE 2020

COMUNICAÇÃO RECEBIDA A 11 DE SETEMBRO DE 2024

NOTAS

1. Apud “Esboço Biográfico” da autoria do irmão do escritor Guilherme de Oliveira Martins, que antecede *Cartas Peninsulares*, Parceria António M. Pereira, 1895.
2. Para as *Cartas* de Antero de Quental, seguimos Ana Maria Almeida Martins, INCM, 2009.
3. Cf. Maria José Marinho, “A *Revista Ocidental*, 1875 um projeto da Geração de 70”, *Revista da Biblioteca Nacional*, 2.ª série, vol. 7, nº 1, 1991, pp. 44-47 e p. 66.
4. Está publicado em *Política e História*, vol. I, Guimarães & Cª, Editores, 1957, pp. 217 e ss.
5. Como salienta Sérgio Campos Matos: “Martins procurava explicar os descobrimentos e o declínio dos povos peninsulares a partir do conceito de heroísmo — que considerava a grande virtude do génio peninsular. E numa perspetiva comparada, tendo em conta outros povos europeus (caso dos ingleses), tornava-se-lhe inteligível a missão histórica das nações ibéricas — a “compreensão do ideal da vida”, bem distinta da filosofia utilitarista características dos anglo-saxónicos. Mas para que a Espanha recuperasse seu lugar entre os povos mais evoluídos com o seu heroísmo havia que pôr de lado a contemplação do passado e a ilusão da repetição, tão comum na história triunfalista então dominante.” in Introdução a J. P. de Oliveira Martins, *Portugal e Brasil*, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2005, pp. 16-17.
6. Causará polémica este texto. Veja-se a reação do jornalista A. Augusto Teixeira de Vasconcelos, antigo radical anti cabralista, da Patuleia, autor de *O Prato de Arroz-Doce* (1863): que apesar de saudar a iniciativa de uma revista que apontava para uma “confraternidade literária”: “porém lastimáramos que para além dos fartos limites desse excelente acordo”, ele “se tornasse mal aceite pelos leitores nacionais. Os portugueses são extremamente afeiçoados à sua independência, mui ciosos dela, e nós folgaríamos que a *Revista Ocidental* representasse as mais elevadas aspirações da pátria” (in *Jornal da Noite*, 1-3 de março de 1875). Oliveira Martins chegou a pensar responder a T. Vasconcelos e escreveu um texto que está no espólio, mas que não enviou: “Faça-nos o favor de não deitar à *Revista* a pecha de ibérica...” (3.3).

7. “O Ultramontanismo” está também publicado em *Política e História*, cit. “Os Poetas da Escola Nova (Antero, Junqueiro e Guilherme Azevedo)” e “Moral Religiosa entre os Gregos” encontram-se em *Páginas Desconhecidas*, Introdução, Coordenação e Notas de Lopes d’Oliveira, Seara Nova, 1948.
8. A carta de Antero para Lobo de Moura é de 18 de março de 1875... Para Sérgio Campos Matos que reuniu, pela primeira vez, as crônicas de Oliveira Martins na *Revista*: “O Brasil e a sua história constituíram no pensamento de Oliveira Martins um meio de compreensão dos problemas portugueses e uma expressão do génio nacional. Mas, para além disso, interessava-lhe em si mesmo, na sua especificidade como modelo de colônia-fazenda e, posteriormente, como grande nação que, de algum modo, pertencendo ainda à família portuguesa, tinha o seu destino próprio”. In *Portugal e Brasil*, cit., p. 31. Com efeito, a obra de Oliveira Martins será de grande importância para a compreensão não só da evolução brasileira, mas também sobre a gênese, sobre o modelo e sobre a importância da emigração portuguesa para a América do Sul. A mesma carta de Antero a Lobo de Moura é de 18 de março e ele escreve: “Nada lhe digo do Batalha, porque se tornou um sensaborão muito grande desde que transmigrou para a *Revista*: é essa a sua atual encarnação, e como Você viu já, não é muito satisfatória. Está absorvido por aquela especulação, que ele toma muito a sério, e bateu em homem de negócio, *affairé*, burguesmente grave, incapaz da menor transcendência”.
9. O desenvolvimento e a publicação das cartas inéditas encontra-se em *Colóquio – Letras*, maio/agosto de 2020, in “O projeto da *Revista Ocidental*: três cartas inéditas de Oliveira Martins a Batalha Reis”, pp. 111-129. Aí divulgamos na íntegra as cartas autógrafas de 7 de julho e de 15 de dezembro 1874 e de 30 de julho de 1875. Em *Alguns Homens de Meu Tempo e Outras Memórias de Jaime Batalha Reis*, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017, Elza Miné transcreve parcialmente a carta de 7 de julho de 1874, num contexto memorialista.
10. Depois de receber a carta de Antero de Quental de finais de março de 1874, Oliveira Martins partiu para Ponta Delgada em 21 de abril, no vapor *Insulano*, tendo regressado no mesmo vapor com chegada a Lisboa a 11 de maio. As preocupações com a saúde de Antero são contantes. Com o tempo, os sinais mais preocupantes e perturbadores vão-se desvanecendo. A 12 de setembro de 1874, Antero parece ceder à insistência dos amigos para que venha para o continente (“Até que afinal chegou o momento com que eu infelizmente contava, o momento em que Antero se desenganaria e veria a necessidade das nossas comuns instâncias. Infelizmente digo, porque, a vir como e para que vem, melhor fora que não viesse. Concordo entretanto consigo em que as últimas cartas dão sintomas de melhoras, morais pelo menos. E até nem sei como combinar aquela atividade já não só mental (edição das *Odes*, introdução da *Revista*) mas também material, com as notícias anteriores que o davam a não poder levantar-se da cama. Como quer que seja depressa o veremos, e julgaremos. Seria necessário fazer uma conferência de médicos (e não esqueça para ela o Manuel Bento de Sousa que é o individuo mais notável da classe) em Lisboa e discutir largamente a

questão"... Em carta de 11 de outubro (?) O. M. envia a Batalha o projeto de uma carta para Antero, para leitura e aprovação: ""Bem pensado tudo, escrevi isso, e parece-me ser este o caminho a seguir. — Entendo que não devemos revelar ao Antero suspeita do Filomeno, porque é *suspeita*; porque quando fosse facto não se lucrava nada; porque o temperamento do Antero é cismático e seria um novo tema para as eternas observações com que ele está todos os dias fazendo mal física e moralmente a si próprio. — Entendo mais que V. não adiantava nada em ir; ainda que V. poderia talvez fazer maior impressão sobre ele do que eu, não me parece contudo que conseguisse. — Entendo que o A. deve vir. — Julguei melhor escrever no tom em que o fiz, porque me pareceu mais eficaz. A irritabilidade do Antero é grande agora e é mister arte para lhe dizer as coisas. V. me dirá se acha boa a minha carta. Mais me parece que devia escrever ao Filomeno, ou se V. o não conhece bastante, o Lobo pedindo-lhe informações detalhadas sobre o caso. — Escrever à mãe não me parece necessário nem útil. É uma criatura passiva que não faria o contrário do que o Antero quisesse; além disso acho fundamento no que diz o tio sobre o receio da viagem. — Lançada a mãe na questão é mister que ele pretextasse sem motivo seu e por essa forma a vida do Antero (que a acompanharia) levaria sobre ela uma responsabilidade que só se poderia tomar depois do exame de médicos. — V. há de encontrar decerto falhas no meu sistema de argumentos para o Antero, mas como V. lerá a minha carta antes de a escrever, pode na sua preencher as lacunas, além de lhe falar como entender, é claro"... Já em 10 de novembro de 1874, numa carta escrita em papel timbrado dos Caminhos-de-ferro do Porto à Póvoa de Varzim e já depois do regresso de Antero, diz O.M.: "As notícias que dá do Antero são consoladoras: é quase uma impiedade dizer isto mas diante dos prognósticos de um termo fatal e próximo, a perspectiva de agora é animadora. Que ele possa pensar e falar eis o essencial; que a vida lhe passe de pé ou sentado é relativamente secundário. O ponto crítico, já agora, parece-me que é o resultado – sobre o estomago – dos fontículos: isto é saber se com efeito o padecimento do estômago tem ou não tem autonomia"...

11. N.º 3 – 3.ª série, Lisboa 1874. Lopes d'Oliveira publicou o texto em *Páginas Desconhecidas*, cit.
12. Nas duas listagens de assinantes que se encontram no espólio de Batalha Reis há 277, 163 de Lisboa, 107 de fora e 7 espanhóis. Entre estes estão Patrício de la Escosura, Rafael de Labra e Francisco Pi y Margall. A assinatura custava 800 réis em Lisboa e 1000 réis na Província.
13. Na carta de 27 de novembro de 1874, diz Oliveira Martins: "vou escrever ao Herculano pedindo-lhe contas da retirada: ele prometeu um artigo do Cardenas: entretanto as razões que dá são aceitáveis, não é coisa que se faça de encomenda e empreitada. Venha o que vier será o mesmo. Teremos assim para o futuro um estudo mais longo e completo. Um de História da Idade Média do Herculano publicado na Revista é uma âncora forte para ela".
14. Refira-se a carta de 4 de dezembro de 1873, dada à estampa por Maria José Marinho em "Ler e Escrever, Documentos inéditos existentes na Biblioteca Nacional", in *Diário de Lisboa*, 7 de abril de 1988. Aí se dá conta de Oliveira Martins ter falado sobre o projeto da *Revista*

com Juan Valera (1824-1905) e de ter pedido a Francisco Maria Tubino y Oliva (1833–1888) uma lista de eventuais colaboradores.